

Artigo / Article

# Uma descrição contextual do gênero "carta aberta"

*A contextual description of the 'open letter' genre*

**Theodoro C. Farhat** 

Universidade de São Paulo, Brasil

theo.cfar@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9646-6301>

Recebido em: 31/05/2024 | Aprovado em: 04/12/2024

## Resumo

Fundamentado pela Linguística Sistêmico-Funcional, este artigo tem como objetivo descrever os padrões contextuais que definem o gênero epistolar conhecido como "carta aberta". A partir de um procedimento metodológico que alia, por meio de redes sistêmicas contextuais, análises qualitativas à categorização quantitativa de um *corpus* composto por textos descritos emicamente como "cartas abertas", realizamos uma investigação multidimensional do que define tal prática sociossemiótica em termos contextuais, complementando abordagens que focalizam sua estrutura composicional. Como resultado, detectamos (a) um padrão global, motivado pela "abertura" do gênero e caracterizado por um enviesamento sociométrico, modo público e a construção de uma audiência categórica, e (b) dois padrões mais específicos, um "tradicional-argumentativo", vinculado a uma institucionalidade argumentativa, e um "inovador-afetivo", associado ao compartilhamento público de emoções individuais possibilitado pelas tecnologias digitais.

**Palavras-chave:** Gênero epistolar • Análise contextual • Linguística Sistêmico-Funcional

## Abstract

Drawing on Systemic Functional Linguistics, this article aims to describe the contextual patterns that define the epistolary genre known as 'open letter'. Using a methodological procedure that combines, through contextual system networks, qualitative analyses with the quantitative categorization of a corpus of

texts emically described as 'open letters', we perform a multidimensional investigation of what defines this sociosemiotic practice in contextual terms, thus complementing approaches that focus on its compositional structure. As a result, we have identified (a) a global pattern, motivated by the "openness" of the genre and characterized by a sociometric bias, public mode, and a categorical audience, and (b) two more specific patterns: a "traditional-argumentative" one, linked to an argumentative institutionality, and an "innovative-affective" one, associated with the public sharing of individual emotions made possible by digital technologies.

**Keywords:** Epistolary genre • Contextual analysis • Systemic Functional Linguistics

## Introdução

Fundamentado pela Linguística Sistêmico-Funcional (Matthiessen; Teruya, 2024; Halliday; Matthiessen, 2014), este artigo tem como objetivo descrever, por meio de sistemas contextuais (Matthiessen, 2015; Hasan, 2014, 2020; Farhat, 2025), os padrões de contexto que definem o gênero epistolar conhecido como "carta aberta" em português brasileiro. Embora tal gênero tenha recebido atenção por sua relevância didática (ver, por exemplo, Brito e Altafíni (2014), Brito (2015) e Costa (2019)), consideramos que ainda são necessários estudos que se voltem aos elementos contextuais – isto é, as variáveis culturais semioticamente relevantes – que motivam sua composição textual e são por ela realizados.

Acreditamos que uma descrição contextual multidimensional como a que propomos neste estudo poderá ser relevante não somente para uma compreensão refinada do que define, em termos contextuais, tal prática sociosemiótica, complementando descrições que enfocam a descrição de sua estrutura composicional (p. ex. Oliveira; Zanutto, 2017), mas também para aqueles profissionais – especialmente professores – que tomam tal prática como objeto de ensino. Ademais, o estudo será uma oportunidade para testar empiricamente a utilidade analítica dos sistemas contextuais empregados.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos brevemente os fundamentos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), com destaque para a relevância dos sistemas contextuais na descrição de subpotenciais de significação (como gêneros discursivos), e uma primeira descrição hipotética da configuração contextual característica de "cartas abertas"; na seção 2, descrevemos os procedimentos metodológicos que guiaram a pesquisa, incluindo os critérios de coleta do *corpus*; a seção 3, então, apresenta e discute os resultados obtidos, descrevendo os padrões contextuais observados e alguns elementos de sua realização semiótica; enfim, na seção de considerações finais, tratamos de possíveis limitações e futuros desdobramentos do estudo.

## 1 Teoria Sistêmico-Funcional, contexto e a classificação de subpotenciais de significação

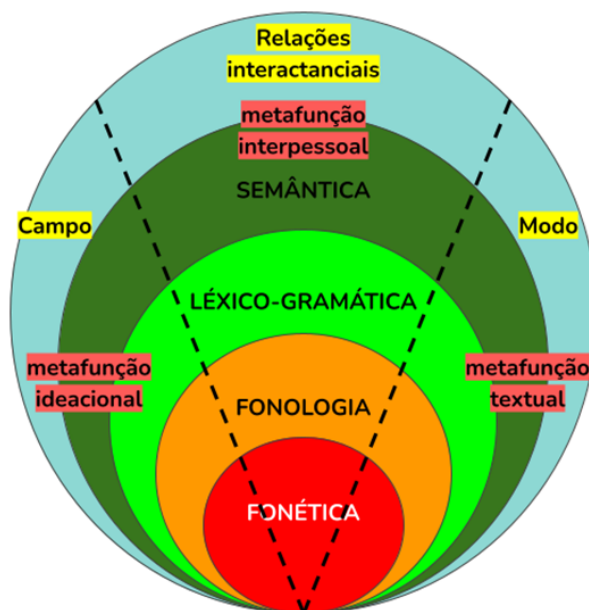
A Linguística Sistêmico-Funcional está estruturada a partir de três dimensões semióticas globais (Matthiessen; Teruya, 2024; Halliday; Matthiessen, 2014; Hasan, 2013): estratificação, metafunção e instanciação.

**Estratificação:** uma hierarquia de estratos em crescente abstração simbólica, permitindo a análise de dado objeto linguístico (1) enquanto expressão fonético-fonológica ou gráfica (plano de expressão); (2) enquanto estrutura léxico-gramatical especificável em termos de morfemas, palavras, grupos/sintagmas e orações (léxico-gramática; parte do plano de conteúdo); (3) enquanto significados “acima da oração”, seja porque compõem estruturas que não se limitam ao domínio oracional, seja porque podem ser realizados de diferentes formas pela léxico-gramática (semântica; parte do plano de conteúdo); (4) enquanto elemento contextual especificável em categorias culturais semioticamente relevantes, dando conta da heterogeneidade não caótica das produções semióticas de uma dada cultura (plano/estrato de contexto). Os estratos associam-se por meio da relação de **realização**: por exemplo, a seleção semântica “pergunta” tipicamente realiza um contexto de desigualdade epistêmica entre produtor e receptor e é realizada, congruentemente, por meio de uma oração interrogativa (elemento léxico-gramatical) – que, por sua vez, é realizada fonologicamente por meio de uma entoação ascendente.

**Metafunção:** um espectro composto por três funções que, por sua alta generalidade, operam na organização do próprio sistema linguístico, aglutinando diferentes redes sistêmicas funcionalmente motivadas – a metafunção interpessoal, que reúne os recursos linguísticos destinados à negociação de informações e ações, à avaliação de objetos de discurso e ao comprometimento com (ou rejeição de) proposições e propostas; a metafunção ideacional, que lida com a construção de experiências tanto em termos da categorização do mundo (seja ele real ou imaginário, sensível ou abstrato, etc.) quanto da articulação de experiências em estruturas potencialmente recursivas; e a textual, que se volta à construção de textura, isto é, aos elementos informacionais e coesivos que permitem a percepção de um texto como um “todo significativo”.

A Figura 1 representa a hierarquia de estratificação e o espectro metafuncional:

**Figura 1.** Estratificação e metafunções

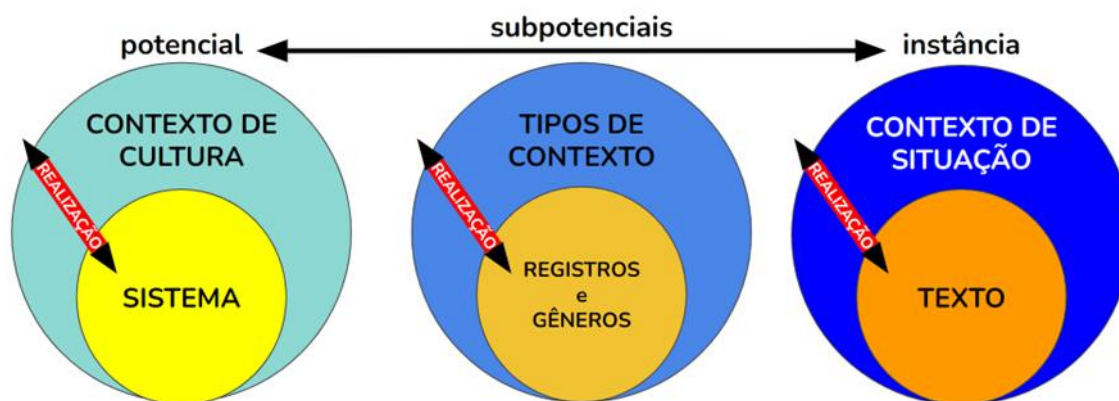


Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 26)

**Instanciação:** uma escala de generalidade sociossemiótica, englobando (1) em um nível de especificidade máxima, textos que realizam contextos de situação, instâncias concretas e únicas (“o que é”); (2) em um nível de alta generalidade, o potencial de significação (que realiza um contexto de cultura), representando os padrões mais gerais da linguagem (o “o que *pode ser*”), que realizam uma cultura (“um potencial de situações”) e (3) em um nível intermediário, os subpotenciais de significação (“registros”, “gêneros discursivos”, etc.), que dizem respeito a padrões de linguagem que realizam configurações contextuais típicas (“o que *costuma ser*”). Há uma relação de interdependência entre o polo do potencial e o polo da instância: o que “pode ser” depende do que de fato “é” para sua materialização; o que de fato “é” só existe em função do que “pode ser”; e essa relação é mediada pelos subpotenciais.

A Figura 2 representa a escala de instanciação:

**Figura 2.** A escala de instanciação



Fonte: elaboração própria.

Com base nesse quadro global, podemos especificar mais tecnicamente o que pretendemos obter por meio deste estudo: uma descrição da configuração contextual realizada por subpotenciais denominados emicamente “cartas abertas”. Em outras palavras, buscaremos descrever as variáveis contextuais tipicamente associadas às práticas semióticas reconhecidas pelos próprios interactantes como “cartas abertas”. Para isso, recorreremos às descrições paradigmáticas – isto é, em forma de rede sistêmica (Hasan, 2014) – dos três parâmetros contextuais que emergem na interseção entre o plano contextual e o espectro das metafunções (Halliday; Hasan, 1989):

- **Campo:** associado realizacionalmente à metafunção ideacional, descreve as atividades sociossemióticas construídas por meio da linguagem e/ou facilitadas pelo uso da linguagem (Matthiessen, 2015; Hasan, 1999, Farhat; Gonçalves-Segundo, 2023), assim como as esferas institucionais em que tais atividades são executadas.
- **Relações interactanciais:** vinculado à metafunção interpessoal, descreve os papéis e as relações encenados semioticamente entre os interactantes, incluindo “poder”, “proximidade”, “conflito/cooperação”, entre outros elementos (Hasan, 2020; Farhat, 2025).
- **Modo:** atrelado à metafunção textual, descreve as possibilidades de contato semiótico entre os interactantes, como a distinção entre linguagem oral e escrita, a oposição entre práticas “monologais” e “dialogais”, o nível de publicidade ou privacidade do texto, entre outros fatores (Hasan, 2014).

Como defende Hasan (2014), o estudo de subpotenciais de significação (“registros”, “gêneros”, etc.) pode ser empreendido produtivamente a partir da descrição paradigmática de cada um dos parâmetros contextuais – isto é, por meio de redes sistêmicas que explicitam variáveis culturais semioticamente relevantes a partir das convenções descritivas da LSF (cf. Martin, 2013; Matthiessen, 2023) e sua realização semiótica. Esses sistemas possibilitam a descrição detalhada de padrões sociossemióticos em variáveis graus de generalidade e permitem, com isso, uma perspectiva contextual sobre a caracterização de subpotenciais, evitando um enfoque exclusivo em padrões semióticos desvinculados de motivações culturais. Em muitos estudos, tais subpotenciais são enquadrados primariamente em termos de campo, já que muitos gêneros são definidos fundamentalmente pelo tipo de atividade que realizam;<sup>1</sup> como indicaremos ao longo deste estudo, entretanto, considerações sobre outros parâmetros podem ser relevantes – quando não imprescindíveis – na detecção de padrões contextuais.

---

<sup>1</sup> Note-se que, como não utilizamos o modelo estratificado de contexto proposto por Martin (1992), suas considerações sobre sistemas de gênero são, em grande medida, absorvidas pela descrição do campo – ver Matthiessen e Teruya (2024) para discussão.

Apresentaremos os sistemas contextuais que utilizaremos na análise e na classificação de (con)textos de “cartas abertas” na próxima seção. A definição dada ao gênero por Bezerra (2007, p. 210, *apud* Brito; Altafini, 2014, p. 2220), entretanto, pode servir de hipótese inicial:

é um texto utilizado em situações de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, atendendo a diversos propósitos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É um gênero de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando ao público geral a sua leitura.

Assim, em termos contextuais, partiremos da hipótese de que “cartas abertas” são um subpotencial primariamente definido por (1) modo monologal, dando conta da “ausência de contato imediato entre remetente e destinatário”, e público, com acesso potencialmente ilimitado ao conteúdo da carta; (2) campo variável (“diversos propósitos”), mas possivelmente associado a atividades valorativas (“opinar, agradecer, reclamar [...], elogiar, criticar”); (3) e relações também variáveis, mas possivelmente vinculadas à orientação avaliativa do campo, e associadas a receptores relativamente vagos (“público geral”).

## 2 Metodologia

Metodologicamente, este estudo foi estruturado em cinco etapas: (1) coleta do *corpus*; (2) análise qualitativa e reconhecimento de elementos realizacionais; (3) categorização contextual; (4) detecção de padrões contextuais; (5) interpretação dos padrões.

**Coleta do *corpus*:** nessa etapa inicial, coletaram-se e transcreveram-se os textos que compõem o *corpus* analisado. Trata-se de cinquenta instâncias emicamente classificadas como “cartas abertas” – isto é, explicitamente entendidas, por atores sociais envolvidos com o texto (quase sempre seu produtor), como instâncias do gênero. Para a obtenção dos textos, estabeleceu-se que trinta textos seriam obtidos a partir de pesquisas por “carta aberta” no Google, dez textos encontrados por uma pesquisa idêntica na plataforma X (antigo Twitter), e outros dez textos obtidos por meio da mesma busca no YouTube. Essa distribuição foi motivada pela ideia de que o Google, por ser uma plataforma muito mais ampla do que as demais, tenderia a resultar em maior diversidade de padrões – o que foi de fato verificado empiricamente. Já a escolha do X e do YouTube foi justificada pelo fato de que, na busca padrão do Google, resultados de tais plataformas não aparecem com frequência, a despeito de sua relevância social. A quantidade relativamente limitada de textos coletados, por fim, é justificada pelo fato de que a análise contextual é um trabalho delicado, que exige um treinamento avançado do analista, e ainda não pode ser automatizado.

**Análise qualitativa preliminar e reconhecimento de elementos realizacionais:** nessa etapa, operou-se a análise qualitativa, com base em descrições léxico-gramaticais (Halliday; Matthiessen, 2014; Figueredo, 2011), semântico-discursivas (Martin, 1992; Martin; White, 2005) e contextuais (Hasan, 2014, 2020; Matthiessen, 2015; Farhat, 2025) fundamentadas pela



TSF, de instâncias coletadas que, com base em observações preliminares, pareciam exibir funcionamentos semióticos e contextuais distintivos. Como resultado, obteve-se uma descrição preliminar de algumas configurações linguístico-contextuais, associando elementos contextuais a padrões realizacionais, que guiaram a categorização contextual do restante do *corpus*.

**Categorização contextual:** com base nos padrões realizacionais identificados na etapa anterior, operou-se uma categorização contextual do restante do *corpus* a partir de doze sistemas contextuais pertencentes a cada um dos três parâmetros apresentados na seção anterior. A seguir, apresentamos uma descrição brevíssima de cada um dos sistemas; recomendamos fortemente, entretanto, a leitura dos textos que propuseram originalmente tais sistemas e discutem, detalhadamente, suas opções e sua realização textual: Hasan (1999, 2014, 2020), Matthiessen (2015), Farhat (2025). Os padrões realizacionais relevantes serão apresentados ao longo da discussão dos resultados.

Para as relações interactanciais, consideramos os seguintes sistemas (Farhat, 2025):

- DISTÂNCIA SOCIAL: diz respeito ao grau de “intimidade” realizada pelo texto, desde relações totalmente distantes, com nenhum sinal de familiaridade e envolvimento, até relações altamente íntimas, geralmente fruto de um longo histórico relacional. Distinguem-se quatro graus, inspirados no trabalho seminal de Hall (1966): [pública], [consultiva], [pessoal] e [íntima].
- STATUS: diz respeito às diferenças e semelhanças entre os interactantes em termos de seus direitos e deveres de informar/perguntar (“status epistêmico”) e de ordenar/obedecer (“status prático”).
- RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA: trata da possibilidade de “enviesamento” do contexto, geralmente em termos da explicitação de convergências ou divergências em relação a um determinado ponto de vista ou uma proposta de ação.
- PAPÉIS INSTITUCIONAIS: lidam com o grau de “internalidade” do interactante em relação a dado domínio institucional. *Grosso modo*, um interactante é institucionalmente [interno] quando está vinculado à realização de atividades que definem aquele domínio institucional (p. ex., médicos e enfermeiros em um hospital), enquanto um papel [externo] se associa ao papel de beneficiário dessas atividades (p. ex. pacientes e familiares em um hospital).
- CARGA EMOCIONAL: diz respeito ao grau de envolvimento emocional realizado pelo texto – [neutro], [eufórico] ou [disfórico].
- ESPECIFICAÇÃO do produtor textual: trata da identificação do produtor textual enquanto [indivíduo] (geralmente a partir de antropônimos) ou [categoria] (coletivos, instituições, etc.), assim como de seu grau de detalhamento ([vago] ou [detalhado]).

- ESPECIFICAÇÃO do receptor textual: lida com as mesmas dimensões que o sistema anterior, mas voltando-se ao receptor construído pelo texto (p. ex., em “carta à sociedade”, o receptor é uma categoria vaga; em “carta ao presidente X”, é um indivíduo detalhado).
- TIPO DE RELACIONAMENTO: *grosso modo*, responde à questão “como os interactantes se conhecem”? Opõe relacionamentos [familiais] (entre membros de uma família) a relacionamentos não familiares; entre os [não familiares], distingue relacionamentos [exotéticos], motivados por fatores externos ao relacionamento em si (por exemplo, colegas de trabalho, vizinhos), de relacionamentos [autotéticos], motivados pelo próprio relacionamento (p. ex. amigos, namorados).

Para o modo, consideraremos dois sistemas:

- CONTATO MATERIAL: descreve a modalidade da língua por meio da qual o texto é materializado – fundamentalmente, neste estudo, trata-se da oposição entre textos [escritos] e [orais].
- LOGALIDADE: opõe contextos [dialogais], em que há possibilidade de troca de turno entre os interactantes, aos [monologais], em que um interactante domina absolutamente a produção do texto.

E, por fim, para o campo, os seguintes sistemas:

- ATIVIDADE SOCIOSSEMIÓTICA: descreve os tipos de atividade que se constituem por meio da linguagem (p. ex. “narrar”, “argumentar”, “recomendar”, “expor”, etc.) ou com o auxílio dela. Para este estudo, serão cruciais as atividades de [explorar], em que se debatem argumentativamente questões de interesse potencialmente público, e [compartilhar], envolvendo a troca valores e experiências pessoais como forma de estabelecimento (ou rejeição) de vínculos intersubjetivos e identidades.
- ESPECIALIZAÇÃO: descreve o grau de “exoticidade” ([alta/média/baixa]) da atividade sociossemiótica em relação ao “senso comum” de dada cultura, o que frequentemente está vinculado também a um grau de convencionalização (“ritualização”) da atividade.<sup>2</sup>

**Deteccção de padrões contextuais:** nessa etapa, obtêm-se os resultados primários da pesquisa – a deteção de configurações recorrentes de seleções contextuais, perfazendo um ou mais padrões contextuais emergentes da categorização. Quando há mais de um padrão, verificam-se as tendências de cosseleção entre os diferentes sistemas, de modo a delinear o que une e o que diferencia cada padrão.

---

<sup>2</sup> O fato de a quantidade de sistemas de relações interactanciais ser consideravelmente maior do que a dos outros parâmetros reflete, por um lado, nosso envolvimento na descrição sistêmica desse parâmetro (Farhat, 2025) e, por outro, nossa percepção de que tais sistemas podem ser produtivamente utilizados em descrições como a que propomos neste estudo.



**Interpretação dos padrões:** por fim, os padrões identificados são interpretados. Isso inclui, crucialmente, o levantamento de hipóteses acerca das motivações (culturais, tecnológicas, etc.) que fundamentam os padrões encontrados, o que pode envolver o diálogo com outras disciplinas – sociologia, antropologia, psicologia, etc. Também se investiga a possibilidade de diferentes graus de prototipicidade das instâncias – isto é, considerando instâncias que não se conformam totalmente aos padrões detectados, “mede-se” sua distância em relação a instâncias prototípicas e lançam-se hipóteses para tal atipicidade.

### 3 Resultados e discussão: padrões contextuais

Os resultados globais da categorização estão expostos nas Tabelas 1, 2 e 3.

**Tabela 1.** Categorização global do corpus: relações interactanciais

Sistema	opção	ocorrência
DISTÂNCIA SOCIAL	íntima	30%
	pessoal	24%
	consultiva	10%
	pública	36%
RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA	divergente	58%
	convergente	40%
	indeterminada	2%
STATUS	igualdade	40%
	superiorização do produtor	58%
	inferiorização do produtor	2%
PAPÉIS INSTITUCIONAIS	interno-externo	50%
	interno-interno	46%
	externo-interno	4%
CARGA EMOCIONAL	eufórica	20%
	neutra/eufórica	8%
	neutra	10%
	neutra/disfórica	38%
	disfórica	20%
	flutuante	4%
TIPO DE RELACIONAMENTO	familiar	2%
	autotélico	36%
	exotélico	62%
ESPECIFICAÇÃO do [produtor]	categoria; vaga	2%
	categoria; detalhada	24%
	indivíduo; detalhado	74%
ESPECIFICAÇÃO do [receptor]	categoria; vaga	38%
	categoria; detalhada	14%
	indivíduo; detalhado	48%

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 2.** Categorização global do corpus: campo

Sistema	opção	ocorrência
ESPECIALIZAÇÃO	alta	4%
	média	42%
	baixa	54%
ATIVIDADE SOCIOSEMIÓTICA	explorar	52%
	compartilhar	46%
	recomendar	2%

Fonte: elaboração própria.

**Tabela 3.** Categorização global do corpus: modo

Sistema	opção	ocorrência
CONTATO MATERIAL	oral	20%
	escrito	80%
LOGALIDADE	monologal	100%
	dialogal	0%

Fonte: elaboração própria.

Já é possível, nesse nível de generalidade, entrever alguns padrões. Os mais evidentes são os de modo: não encontramos nenhum texto dialogal que se categorizasse emicamente como “carta aberta”, o que muito provavelmente está também associado à forte tendência à modalidade escrita (80%). Também há, entretanto, um claro padrão de campo, especialmente em termos de ATIVIDADE SOCIOSEMIÓTICA: duas atividades dominaram claramente o *corpus*, [explorar] (52%) e [compartilhar] (46%), entre um conjunto de oito atividades primárias descritas pelo sistema de Matthiessen (2015). Tais atividades, embora parte do campo, são orientadas às relações interactanciais, o que significa que

os objetivos da situação, ou os resultados pretendidos, tratam das relações interactanciais, especialmente do relacionamento entre falante e destinatário – da manutenção ou alteração desse relacionamento, como quando falantes tentam trazer os destinatários para mais perto de suas posições [...] (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 41).

Isso provavelmente está vinculado ao padrão encontrado na RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA: embora não haja dominância absoluta de [convergência] (40%) ou [divergência] (58%), nenhum dos contextos foi categorizado como [equânime] (isto é, “neutro”), o que aponta que “cartas abertas” são caracterizadas por um enviesamento sociométrico: produz-se a carta para expressar uma posição sobre o que está em discussão – discordância ou concordância, adesão ou rejeição. É provável, então, que se trate de um subpotencial de natureza *afiliativa*: o texto opera a serviço de uma negociação de posições intersubjetivas e intergrupais, seja a partir de um enviesamento divergente, em que se rejeitam posições, valores, propostas, etc., ou convergente, em que tais elementos são interpessoalmente corroborados.

Esses padrões primários sugerem, então, que a hipótese inicial que propusemos anteriormente, com base na definição de Bezerra (2007), foi em grande medida confirmada: “cartas abertas” parecem de fato constituir um subpotencial primariamente definido por:

- (1) modo monologal e público, tendendo à escrita;
- (2) campo orientado às relações, por meio das atividades de “explorar” e “compartilhar”;
- (3) e relações interactanciais caracterizadas por um enviesamento sociométrico a partir do qual podem ser negociados valores, emoções, posições, pertencimentos, etc.

### 3.1 Especificando configurações contextuais

Tal definição global, embora certamente relevante, ainda pode ser especificada, facilitando a detecção de elementos linguísticos que caracterizam, realizacionalmente, o subpotencial em questão. Para isso, observamos a distribuição das seleções contextuais novamente, mas focando nos *subcorpora* que surgem a partir da divisão do *corpus* segundo a atividade sociossemiótica realizada: [explorar] ou [compartilhar]: ver Tabelas 4 e 5. (Como seriam redundantes, as ocorrências para LOGALIDADE e ATIVIDADE SOCIOSSEMIÓTICA foram omitidas.)

**Tabela 4.** Categorização dos subcorpora definidos por [explorar] e [compartilhar]

sistema	opção	[explorar]	[compartilhar]
DISTÂNCIA SOCIAL	íntima	0%	65,2%
	pessoal	19,2%	30,4%
	consultiva	11,5%	4,3%
	pública	69,2%	0%
RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA	divergente	80,8%	34,8%
	convergente	19,2%	60,9%
	indeterminada	0%	4,3%
STATUS	igualdade	11,5%	73,9%
	superiorização do produtor	88,5%	21,7%
	inferiorização do produtor	0%	4,3%
PAPÉIS INSTITUCIONAIS	interno-externo	73,1%	26,1%
	interno-interno	23,1%	69,6%
	externo-interno	3,8%	4,3%
CARGA EMOCIONAL	eufórica	0%	43,5%
	neutra/eufórica	0%	13%
	neutra	19,2%	0%
	neutra/disfórica	65,4%	8,7%
	disfórica	15,4%	26,1%
	flutuante	0%	8,7%

TIPO DE RELACIONAMENTO	familiar	0%	4,3%
	autotélico	7,7%	69,6%
	exotélico	92,3%	26,1%
ESPECIFICAÇÃO do [produtor]	categoria; vaga	3,8%	0%
	categoria; detalhada	46,2%	0%
	indivíduo; detalhado	50%	100%
ESPECIFICAÇÃO do [receptor]	categoria; vaga	53,8%	21,7%
	categoria; detalhada	15,4%	8,7%
	indivíduo; detalhado	30,8%	69,6%
ESPECIALIZAÇÃO	alta	7,7%	0%
	média	65,4%	13%
	baixa	11,5%	87%
CONTATO MATERIAL	oral	23,1%	13%
	escrito	76,9%	87%

Fonte: elaboração própria.

Começamos com os padrões para os 26 textos que realizam a atividade de [explorar]. O exame do *subcorpus* revela um conjunto de tendências muito mais detalhado do que o que encontramos no *corpus* geral. Além dos padrões gerais, verificamos:

- DISTÂNCIA SOCIAL: tendência à maximização, como indicado pela preponderância de distância [pública] (69,2%) e pela não ocorrência de distância [íntima].
- RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA: preponderância da relação [divergente] (80,8%).
- STATUS: preponderância de superiorização do produtor (88,5%).
- PAPÉIS INSTITUCIONAIS: preponderância da configuração em que um interactante institucionalmente [interno] dirige-se a um [externo] (73,1%).
- CARGA EMOCIONAL: forte tendência à disforia, como indicado pela ocorrência de carga [disfórica] (15,4%) e intermediária [neutra/disfórica] (65,4%).
- TIPO DE RELACIONAMENTO: forte preponderância de relacionamentos [exotélicos] (92,3%).
- ESPECIFICAÇÃO do [produtor]: divisão entre [categoria; detalhada] (46,2%) e [indivíduo; detalhado] (50%), rejeitando a preponderância de [indivíduo; detalhado] observada nos padrões gerais (74%).
- ESPECIALIZAÇÃO: tendência à especialização [média] (65,4%), rejeitando a distribuição relativamente equânime entre [média] e [baixa] vista no *corpus* como um todo.

Tratemos, agora, de como tais elementos são realizados semioticamente. Trata-se de uma exposição breve, procurando sintetizar algumas possibilidades de realização verificadas no *corpus* – mas não todas, o que demandaria um espaço de que não dispomos. Começando com a DISTÂNCIA SOCIAL [pública], podemos esperar, com base na descrição de Poynton (1989), que os textos realizando tal configuração demonstrem baixa Proliferação de significados (em outras palavras, espera-se que não haja uma grande variedade de tópicos tratados) e baixa Contração (isto é, os significados são apresentados explicitamente). Esses elementos se refletem, por exemplo, na recorrência de parágrafos iniciais explicativos, em que o plano de fundo para a situação de enviesamento é explicitada – e, com isso, também sinalizam que o relacionamento em jogo é [exotélico], fruto do interesse comum dos interactantes em alguma problemática:

- (1) *Nos últimos dias, a sociedade tem sido apresentada a uma falsa disputa. Uma campanha, poderosa, é verdade, tenta mostrar que existe uma força negativa dentro de um movimento sindical, no caso o dos docentes, que atuaria como um mero escritório de representação do Governo: o PROIFES-Federação.* [A2]
- (2) *Em meio a maior tragédia climática da história do nosso estado, mais uma vez vemos a educação pública sendo atacada. O descaso do estado e a ausência de informações por parte da Secretaria da Educação RS (Seduc), deixam centenas de estudantes sem perspectiva de retorno às aulas presenciais.* [A3]
- (3) *Fomos recentemente surpreendidos por uma iniciativa do Conselho Federal de Medicina (CFM) de fazer uma pesquisa de opinião junto aos médicos brasileiros sobre a vacinação infantil contra a covid-19. Esta pesquisa está aberta a todos os médicos, com quatro perguntas sem opção de argumentos ou comentários, desprovida de metodologia adequada para os objetivos propostos.* [A7]

Já a RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA [divergente] revela-se no que em Farhat (2025) denominamos “Núcleo de Enviesamento”: uma proposição ou proposta potencialmente polêmica, frequentemente avaliativa. Nos exemplos acima, por exemplo, veem-se vários elementos avaliativos que estão no cerne da motivação para o texto: *uma falsa disputa* (1), *vemos a educação pública sendo atacada* (2) e *desprovida de metodologia adequada para os objetivos propostos* (3). Essa divergência pode ser acompanhada, em variados graus, por uma [disforia] emocional, como no texto A6 do *corpus*, que revela sua disforia ao aliar avaliações ao uso de recursos tipográficos – em particular, a caixa alta:

- (4) *Repito, pela última vez: “QUEM NÃO TEM GRATIDÃO, NÃO TEM CARÁTER.”  
Respeite seus verdadeiros e únicos patrões: SEUS 1.557.415 ELEITORES.  
Basta de VERGONHAS!* [A6]

Esse exemplo também expõe o padrão de STATUS de superiorização do produtor textual: o produtor, ao propor avaliações de caráter “universal” e dar ordens ao seu receptor primário (no caso, um Senador da República), é construído, por meio de elementos como ordens e experiencializações de posições de poder (*PATRÕES*), como um interactante na posição de avaliar e direcionar a ação alheia, o que deve ser prontamente obedecido, como explicitado em:

- (5) *Somos SEUS VERDADEIROS E ÚNICOS PATRÕES. Respeite-nos, caso contrário, será demitido sumariamente da vida pública, e para sempre.* [A6]

A assimetria institucional, por sua vez, é encontrada fundamentalmente em textos em que produtores, sejam eles categóricos ou individuais, representam um domínio institucional (uma associação, uma empresa, etc.) e, nessa posição, dirigem-se a um público mais amplo – muitas vezes, uma categoria relativamente vaga (a população, a sociedade, o mercado, etc.). Em A9, por exemplo, o produtor é identificado como a *Sociedade Brasileira de Pediatria*; o receptor, como a *população*. De fato, mesmo quando o receptor é [individual; detalhado], como em A16 (*Carta Aberta ao Ministro do Trabalho e Emprego, Sr. Luiz Marinho*) e A21 (*Carta Aberta à Ministra Nísia Trindade (MS)*), o que poderia sugerir alguma igualdade institucional, o fato de a carta ser “aberta” – isto é, ser publicamente acessível – leva à admissão de receptores não institucionais não explicitamente reconhecidos como destinatários (por meio de vocativos, etc.), mas certamente ratificados – caso contrário, a abertura da carta não teria razão de ser. Isso indica que a desigualdade institucional pode ser, de fato, um dos “traços distintivos” mais nucleares dessa prática.<sup>3</sup>

Isso é corroborado pelo fato de que, embora em muitos casos o produtor de fato seja um indivíduo (o que é verificado, por exemplo, por meio de uma assinatura pessoal), trata-se frequentemente de um representante institucional, de modo que mesmo nesses casos há uma dimensão categórica no papel de produção, como nas seguintes assinaturas:

- (6) *Paulo Wanderley*  
*Presidente do COB [A10]*
- (7) *Desembargador LEONAM GONDIM DA CRUZ JÚNIOR*  
*Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Pará [A4]*

Por fim, o grau [médio] de especialização parece ser realizado primariamente pelo grau de especialização do tópico em discussão – uma especialização média significa, então, um tratamento de tópicos que, embora relativamente especializados, ainda seriam acessíveis e compreensíveis a uma quantidade considerável de membros da cultura. Por exemplo:

- (8) *Existem claras evidências que apontam os benefícios da vacinação pediátrica na prevenção das formas agudas da doença, reduzindo o risco de hospitalizações, bem como suas complicações em curto e longo prazo na população pediátrica. Estas evidências apontam a necessidade de que tenhamos vacinas atualizadas e disponíveis para o grupo de crianças menores de 5 anos, onde ainda temos uma proporção significativa de crianças nunca infectadas e sem doses de vacina. [A7]*
- (9) *Desde 2008, quando o desmoronamento de uma rocha dentro do parque nacional provocou a morte de uma pessoa, a resolução 08/2008 do Conselho Estadual de Trânsito do Estado de Mato Grosso (Cetran-MT) proíbe o tráfego de veículos pesados na estrada. [A8]*

Embora ambos os trechos tratem de tópicos “não cotidianos”, o que se revela no uso de estruturas como *complicações em curto e longo prazo na população pediátrica* e *a resolução 08/2008 do Conselho Estadual de Trânsito do Estado de Mato Grosso*, os enunciados não exigem do receptor um treinamento altamente especializado para a sua compreensão – de fato,

---

<sup>3</sup> Para uma discussão detalhada sobre as configurações de recepção em cartas abertas desse tipo, ver Oliveira e Zanutto (2017).



em ambos os textos, parece haver um esforço explicativo justamente na direção de suavizar a assimetria epistêmica associada às diferenças de institucionalidade entre o produtor interno e o público externo.

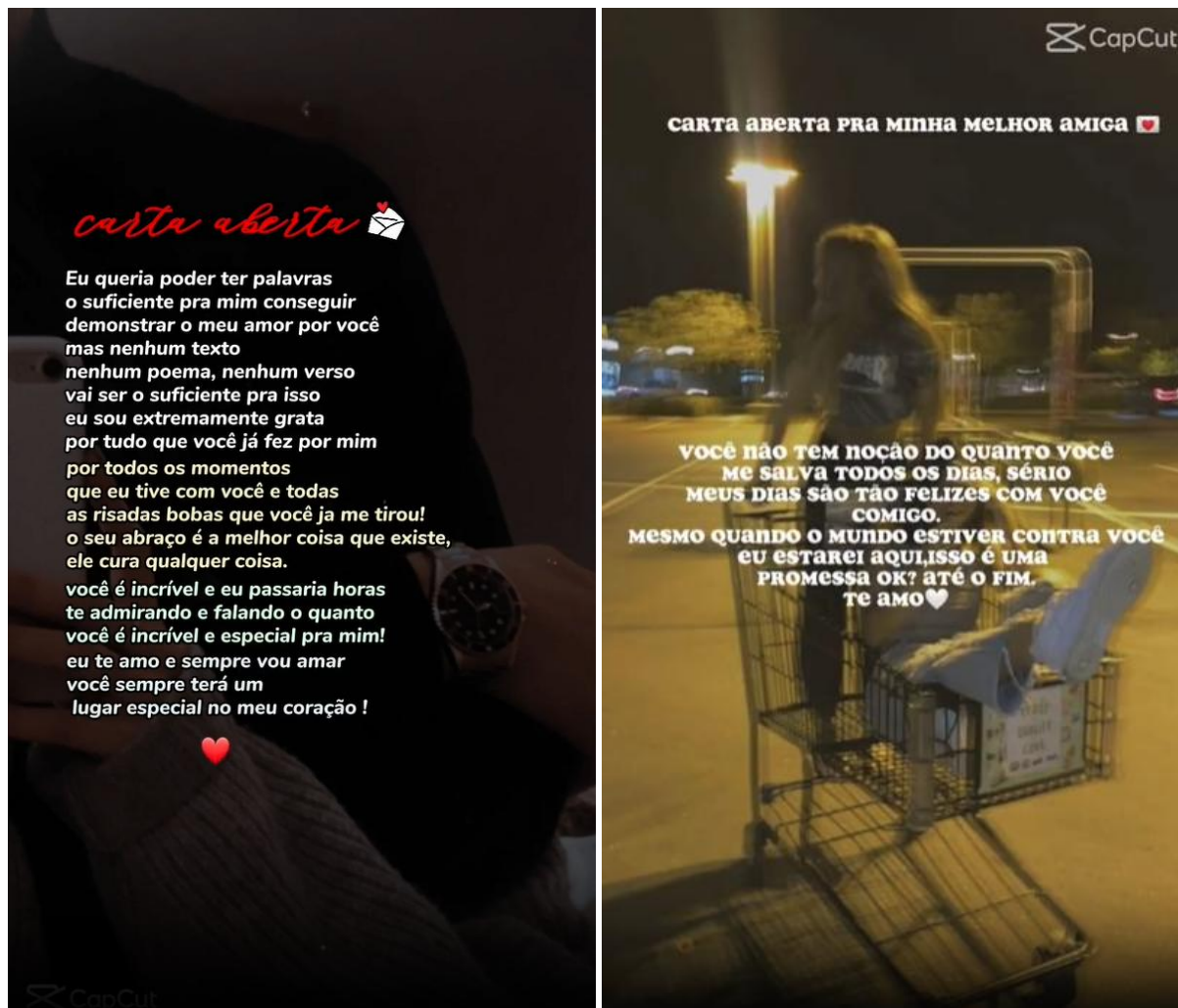
Com isso, podemos afirmar que textos classificados emicamente como “cartas abertas” que realizam a atividade sociossemiótica de [explorar], isto é, que debatem argumentativamente questões de interesse potencialmente público (Matthiessen, 2015), são também caracterizados por: (1) nas relações interactanciais, uma tendência à maximização de DISTÂNCIA SOCIAL, à divergência sociométrica, à superiorização do produtor textual, a uma assimetria institucional, a uma emocionalidade disfórica e aos relacionamentos exotélicos; (2), no campo, a uma especialização média. Além disso, os traços mais gerais das cartas abertas como um todo ainda estão em operação, mantendo-se a tendência ao modo monológico, público e escrito, o que se associa à possibilidade de receptores categóricos.

Passemos, agora, ao *subcorpus* composto pelos 23 textos que realizam a atividade sociossemiótica de [compartilhar]. Trata-se, em grande medida, de um padrão oposto ao encontrado no *subcorpus* anterior – exceto, é claro, pelas tendências gerais que descrevemos inicialmente.

- DISTÂNCIA SOCIAL: forte tendência à minimização, com preponderância de distância [íntima] (65,2%) e não ocorrência de distância [pública].
- RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA: preponderância da relação [convergente] (60,9%), apesar de certa presença de relações [divergentes] (34,8%).
- STATUS: preponderância de igualdade (73,9%).
- PAPÉIS INSTITUCIONAIS: preponderância de simetria institucional – ambos os interactantes tendem a ser institucionalmente internos (69,6%).
- CARGA EMOCIONAL: em contraste com a disforia do padrão anterior, presença considerável de contextos [eufóricos] (43,5%) e intermediários [neutros/eufóricos] (13%), mas com ocorrência não desprezível de carga [disfórica] (26,1%) e [neutra/disfórica] (8,7%).
- TIPO DE RELACIONAMENTO: preponderância de relacionamentos [autotélicos] (69,6%), mas ocorrência não desprezível de relacionamentos [exotélicos] (26,1%).
- ESPECIFICAÇÃO do [produtor]: ocorrência absoluta (100%) de produtor [individual; detalhado].
- ESPECIALIZAÇÃO: forte preponderância de especialização [baixa] (87%).

Vejamos, na Figura 3, a reprodução de fotograma de A25 e A29, textos-vídeos que realizam tal configuração:<sup>4</sup>

**Figura 3.** Reprodução de fotogramas de A25 e A29



Fonte: <https://shorturl.at/sv8Ws> e <https://shorturl.at/KpgOs>. Acesso em 2 mai. 2024.

Trata-se de textos provenientes da plataforma CapCut, em que modelos textuais são publicados para aproveitamento pessoal pelos usuários.<sup>5</sup> Imaginamos que textos resultantes do

<sup>4</sup> Uma análise exaustiva desses textos consideraria não só elementos verbais, mas musicais, imagéticos, etc., na realização dos sistemas contextuais. Entretanto, isso geraria necessariamente uma complexificação de que não podemos dar conta neste estudo. Para algumas considerações sobre a problemática da multimodalidade em relação ao estudo sistêmico-funcional do contexto, ver Matthiessen (2009) e Farhat (2022b).

<sup>5</sup> Alguns textos provenientes do CapCut parecem ser bastante populares, recebendo centenas de “curtidas”. Seria possível argumentar que isso indica um contexto polilocal, em que vários interactantes intervêm textualmente. Entretanto, consideramos que, como tais reações não alteram o conteúdo do “núcleo” do que define o texto, posicionando-se como um “apêndice interpessoal” do que de fato é percebido como “o texto” (a “carta aberta” que pode ser, por sua vez, reproduzida em outros ambientes), tais elementos não tiram da “carta” sua natureza primariamente monolocal – isto é, como produto de uma só “entidade produtora” (individual ou não).

uso desses modelos poderiam ser publicados em plataformas como o Instagram, especialmente no formato de *story*, dada a sua proporção visual (9:16). Isso significaria que a análise de tais modelos pode revelar padrões de difícil acesso a analistas, já que *stories* são textos que, por definição, desaparecem após 24 horas.

A DISTÂNCIA SOCIAL [íntima], a CARGA EMOCIONAL [eufórica], a RELAÇÃO SOCIOMÉTRICA [convergente] e ESPECIFICAÇÃO [individual; detalhada] do produtor são, aqui, fortemente inter-relacionadas, o que se reflete em sua realização. Fundamentalmente, há aqui o que em Farhat (2025) chamamos de realização por experiencialização: elementos das relações interactanciais são realizados como experiências, de modo que a metafunção ideacional opera “a serviço” de elementos interpessoais.<sup>6</sup> Assim, a intimidade não só é realizada pelo caráter pouco explícito de estruturas como *tudo que você já fez por mim* (A25) e *do quanto você me salva todos os dias* (A29), mas também por estruturas experiencializadoras como *você sempre terá um lugar especial no meu coração* (A25), que também sinaliza convergência sociométrica (no caso, o Núcleo de Enviesamento é o próprio receptor primário do texto – *você*) e emocionalidade eufórica, que tem, porém, sua realização mais inequívoca em *eu te amo e sempre vou amar* (A25) e *te amo* (A29), em que o “eu” é inequivocamente um indivíduo bem delimitado.

Também se verifica uma simetria de STATUS e PAPÉIS INSTITUCIONAIS: o produtor do texto não é posicionado como alguém com acesso exclusivo a informações ou poderes; muito pelo contrário, o texto parece, em favor dos efeitos de intimidade e convergência discutidos acima, acentuar a interdependência entre os interactantes, como em *o seu abraço é a melhor coisa que existe, ele cura qualquer coisa* (A25), e mesmo, em algum sentido, a dependência do produtor em relação ao receptor: *eu sou extremamente grata por tudo que você já fez por mim* (A25). O domínio institucional em jogo é o próprio relacionamento entre os interactantes<sup>7</sup> – e ambos estão, certamente, “por dentro” desse domínio.

Por fim, como diversos exemplos sinalizam, a especificidade individual do receptor é claramente realizada pelo uso da segunda pessoa singular do discurso (*você, te, seu*). Deve-se ter em mente, entretanto, que tal receptor é somente o destinatário primário do texto, aquele que é explicitamente visado (por meio, por exemplo, da segunda pessoa). Entretanto, se a carta de fato é “aberta” – isto é, realiza modo público –, pode-se assumir que também há um receptor [categórico], menos explícito, mas ainda muito relevante: de fato, embora se dirija a um indivíduo específico, a carta teria seu valor sociossemiótico justamente no fato de que há um compartilhamento público de uma intimidade privada. Em outras palavras, o (con)texto parece

---

<sup>6</sup> Trata-se de uma realização metafórica entre contexto e semântica análoga à que ocorre entre semântica e léxico-gramática no uso de estruturas ideacionais de projeção na realização de modalização subjetiva explícita (cf. Halliday; Matthiessen, 2014).

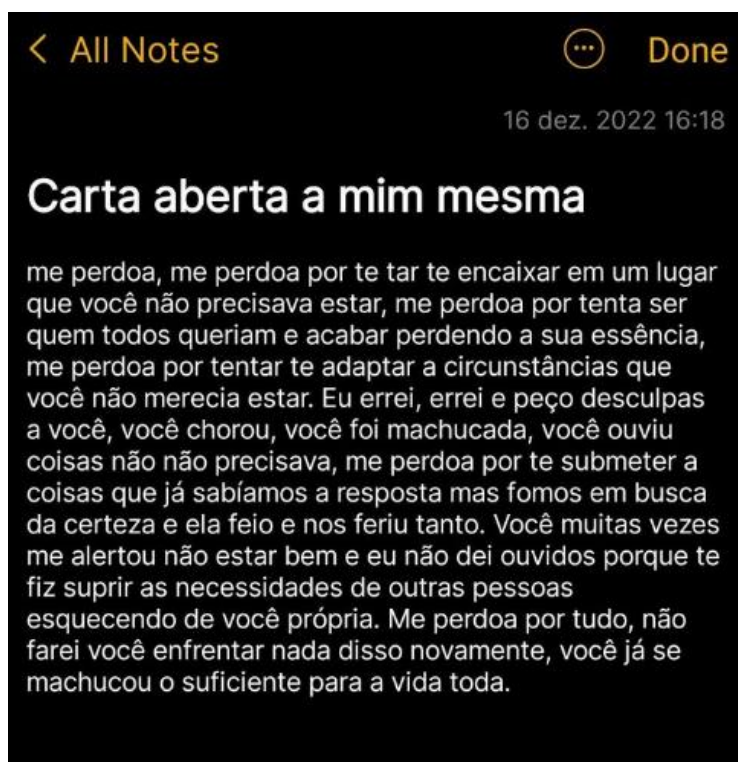
<sup>7</sup> Em conformidade com Matthiessen (2013), consideramos que “instituições” são domínios culturais, não necessariamente “especializados”, de modo que podem envolver esferas definidas relacionalmente – amigos, namoros, famílias, etc.

ter sua razão de ser na incorrespondência entre uma distância social altamente reduzida (entre produtor e receptor primário) e uma distância sociomaterial ampla, potencialmente irrestrita, entre o produtor e uma miríade de receptores possíveis.

Acreditamos, em síntese, que práticas como a instanciada por A25 configuram um uso estratégico das possibilidades de publicidade facilitadas pelas tecnologias digitais para a materialização de processos de aproximação (*coming together*) que Knapp *et al.* (2014) identificam em seu modelo de desenvolvimento relacional – o que inclui, em uma de suas etapas, uma *publicização* do relacionamento.

Observemos, agora, outro texto que realiza o padrão contextual de cartas abertas com atividade de [compartilhar], mas menos prototipicamente – aqui, há divergência sociométrica e disforia emocional. Ver Figura 4:

**Figura 4.** Reprodução de A31



Fonte: <https://shorturl.at/sv8Ws>. Acesso em 2 mai. 2024.

Em linhas gerais, mantém-se o padrão de compartilhamento público de elementos emotivos pessoais, mas com a peculiaridade de que a relação em jogo é primariamente interna ao produtor – que ocupa, também, a posição de receptor primário da carta. Curiosamente, além da evidente divergência disfórica (*you cried, you were hurt [...] we were in search of certainty and it was ugly [sic] and it hurt us so much*), tendo como Núcleo de Enviesamento o comportamento passado do produtor-receptor, A31 é o único texto de todo o *corpus* que consideramos realizar uma inferiorização de STATUS do produtor, ao pedir reiteradamente perdão a si mesmo.

Em síntese, a partir dessas breves considerações, é possível afirmar que textos classificados emicamente como “cartas abertas” que realizam a atividade sociossemiótica de [compartilhar] – isto é, envolvendo a troca de valores e experiências pessoais como forma de estabelecimento (ou rejeição) de vínculos intersubjetivos, identidades, relações, etc. (Matthiessen, 2015) – são também caracterizados por: (1) nas relações interactanciais, uma tendência à minimização de DISTÂNCIA SOCIAL, à convergência sociométrica, à igualdade de STATUS, a uma simetria institucional e aos relacionamentos autotélicos; (2), no campo, a uma especialização baixa. Além disso, os traços mais gerais das cartas abertas como um todo ainda estão em operação, mantendo-se a tendência ao modo monologal, público e escrito, o que está associado a receptores (não necessariamente primários) [categóricos].

### 3.2 Possibilidades interpretativas

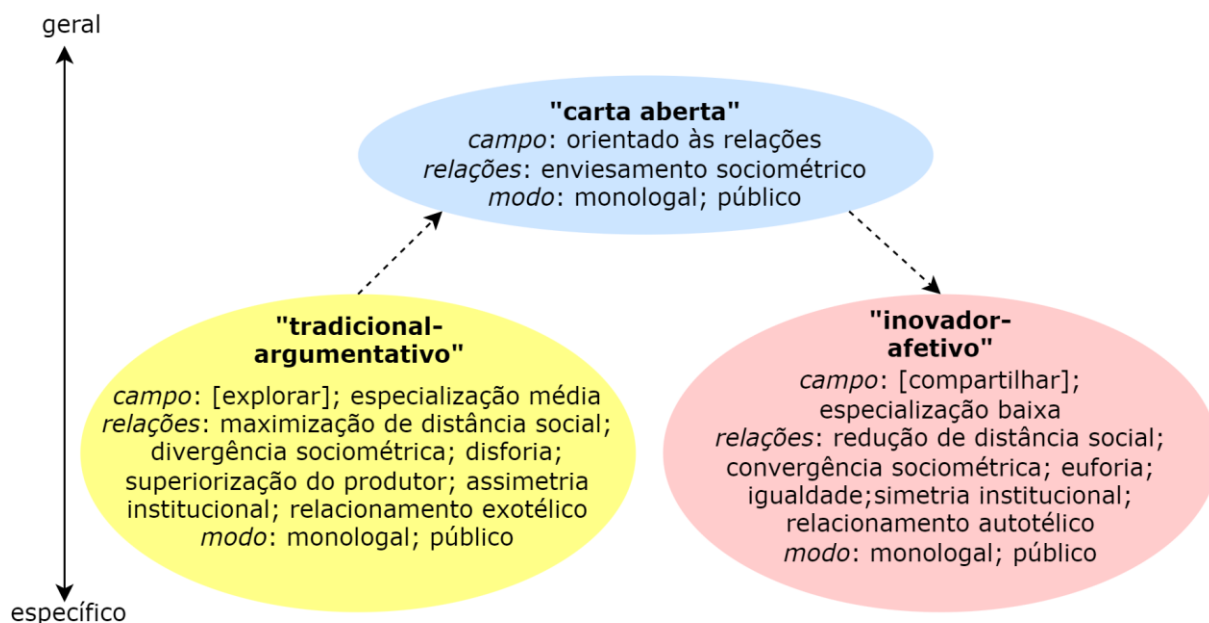
Tendo esses resultados descritivos em mente, podemos questionar: o que motiva a existência de duas práticas sociossemióticas emicamente denominadas “cartas abertas”, mas tão claramente opostas em tantas dimensões? Uma hipótese possível seria simplesmente considerar que, na realidade, os interactantes não veriam tais dimensões como relevantes para a diferenciação de (con)textos, de modo que os dois padrões específicos seriam percebidos como um só. Isso, porém, parece pouco plausível: embora de fato haja, como exploramos, traços comuns às duas práticas, suas diferenças são múltiplas e explícitas.

Pode ser mais plausível considerar que há um movimento de transformação ou inovação em jogo. É possível propor que as cartas abertas do primeiro grupo ([explorar]), com sua institucionalidade argumentativa e moderadamente disfórica, sejam mais “tradicionais” do que as do segundo grupo – e, portanto, seriam percebidas como “cartas abertas” mais “genuínas”. De fato, parece ser exclusivamente dessas práticas que autores como Brito e Altafini (2014) e Oliveira e Zanutto (2017) tratam em seus trabalhos sobre cartas abertas. As cartas do segundo grupo, por sua vez, seriam práticas mais recentes, emergindo da facilidade de publicização, possibilitada por plataformas digitais, de elementos emocionais que – conservadoramente – poderiam ser vistos como de “foro íntimo” (declarações de amor, desabafos, etc.).

Mais especificamente, se tal movimento for de fato verificado, teria havido uma reinterpretação das configurações de “carta aberta” em ao menos duas etapas: em primeiro lugar, um movimento de generalização e abstração a partir do padrão “tradicional-argumentativo”, de modo que se mantiveram somente alguns traços básicos (modo monologal, público; enviesamento sociométrico; atividade orientada às relações); depois, a partir disso, teria se dado um movimento de especificação e concretização, com a configuração de uma prática caracterizada por compartilhamento de valores e experiências pessoais, distância social reduzida, igualdade de status, etc. – formando um padrão “inovador-afetivo”. Como resultado, haveria agora dois (sub)gêneros de “carta aberta”, ambos caracterizados por alguns traços fundamentais, mas diferenciados em um conjunto de dimensões contextuais específicas. A Figura 5 representa esse processo a partir da escala de instanciação.



**Figura 5.** Uma hipótese sobre o desenvolvimento dos padrões contextuais de carta aberta



Fonte: elaboração própria.

Essa hipótese ainda deve, entretanto, ser testada – por exemplo, a partir de um *corpus* de cartas abertas categorizadas diacronicamente. Entretanto, se tiver alguma validade, ainda haverá uma questão, talvez a mais importante: o que motivou essa inovação? Uma hipótese que nos parece promissora é a de que teria sido crucial a emergência das tecnologias digitais e, com elas, das plataformas de redes sociais. Em parte, essa hipótese é apoiada pelos nossos dados: enquanto as cartas abertas “tradicionais” foram, em sua maioria (61,5%), publicadas em *sites* institucionais, a maior parte das “inovadoras” (78,2%) foi publicada em sites como X, CapCut e Pinterest, plataformas digitais em que os usuários têm relativa liberdade em suas publicações individuais.

Assim, é possível que a reinterpretação dos elementos contextuais definidores da “carta aberta” tenha sido promovida pela possibilidade oferecida por essas plataformas para a expressão de valores e experiências pessoais em modo público, independentemente de uma atividade argumentativa de “sustentação”. Essas novas práticas, portanto, participariam da lógica de afiliação que caracteriza muitos espaços digitais (cf. Farhat; Gonçalves-Segundo, 2021; Farhat, 2022a): compartilham-se elementos semióticos (frequentemente avaliativos) com base nos quais os interactantes estabelecem ou rejeitam relações interpessoais e intergrupais, negociam suas identidades e seus posicionamentos atitudinais, etc. Atividades que antes eram restritas à privacidade do lar e aos relacionamentos próximos podem hoje ser publicizadas – o que depende, entretanto, da apropriação estratégica de modos públicos de agir enviesadamente: e, nesse ponto, a carta aberta surge como modelo suficientemente flexível para uma reinterpretação como a que descrevemos.



## Considerações finais

Este artigo buscou, fundamentado na Linguística Sistêmico-Funcional e, mais especificamente, em descrições sistêmicas de parâmetros contextuais, oferecer uma investigação contextual do subpotencial de significação instanciado por textos classificados emicamente como “cartas abertas”. Em outras palavras, buscamos explorar quais variáveis culturais motivam e são materializadas pelas práticas sociosemióticas que interactantes identificam como “cartas abertas”. Para isso, a partir de um procedimento metodológico que alia, por meio de redes sistêmicas contextuais, análises qualitativas à categorização quantitativa de um *corpus* composto por textos descritos emicamente como cartas abertas, realizamos uma descrição multidimensional do que define, em termos contextuais, tal prática sociosemiótica, complementando abordagens que enfocam sua estrutura composicional. Como resultado, detectamos:

- (a) um padrão global, motivado pela “abertura” do gênero e caracterizado por um enviesamento sociométrico, publicidade de modo e orientação do campo às relações interactanciais;
- (b) dois padrões específicos:
  - (i) o padrão “tradicional-argumentativo”, vinculado a uma institucionalidade argumentativa e moderadamente disfórica;
  - (ii) o padrão “inovador-afetivo”, associado ao compartilhamento público de emoções individuais possibilitado pelas tecnologias digitais, com relativa euforia, igualdade e intimidade.

Como indicamos na introdução, acreditamos que esses resultados são relevantes tanto para o avanço dos estudos sobre gêneros (epistolares ou não) a partir de uma perspectiva contextual quanto para possíveis aplicações, especialmente em termos didáticos. Por exemplo, seria possível trabalhar, em sala de aula, os dois padrões de “carta aberta” identificados e discutir, a partir de leituras, análises e produções, o que há em comum (ou não) entre eles, em termos semióticos e contextuais.

Por fim, entretanto, é necessário reconhecer algumas limitações do estudo – e, portanto, algumas possibilidades de aprimoramento futuro. Em primeiro lugar, como apontamos na seção 2, o *corpus* analisado é relativamente restrito. Seria importante que estudos futuros levassem em conta *corpora* mais representativos, tanto sincronicamente, testando a validade dos resultados aqui obtidos, quanto diacronicamente, de modo a verificar as hipóteses que lançamos sobre o desenvolvimento histórico de diferentes práticas. Outra possibilidade de grande interesse seria considerar um *corpus* mais amplo, com diferentes gêneros epistolares – “cartas pessoais”, “cartas circulares”, “carta do leitor”, “carta anônima”, “carta de apresentação”, etc. –, e mapear suas semelhanças e diferenças contextuais. Ademais, tal complexificação poderia ser acompanhada por uma atenção mais sistemática aos elementos não verbais dos textos, em

consonância com os desenvolvimentos, nas últimas décadas, de uma Semiótica Sistêmico-Funcional (Matthiessen; Guo, 2020) – o que inclui, crucialmente, a relevância de elementos multimodais na realização contextual.

Tais aprofundamentos dependem, entretanto, de um esforço coletivo da comunidade sistêmico-funcional nessa direção. Esperamos que nosso estudo possa inspirar tais trabalhos.

## Financiamento

Theodoro C. Farhat agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa de mestrado (n<sup>os</sup> dos processos: 2022/10527-5 e 2023/04354-3).

## Referências

- BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 208-216.
- BRITO, A. M.; ALTAFINI, B. A. S. Proposta de sequência didática: a carta aberta. *Philologus*, v. 20, n. 60, p. 2216-2227, 2014.
- BRITO, L. M. S. *Ressignificando a produção textual na EJA: uma experiência com o gênero textual carta aberta*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2015.
- COSTA, J. F. *A coesão sequencial em textos do gênero carta aberta: proposta de intervenção para o ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2019.
- FARHAT, T. C. Movimentos afiliativos em interações digitais: explorações em postagens multimodais. *EntreLetras*, v. 13, n. 1, p. 317-343, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p317-343>
- FARHAT, T. C. Multimodalidade e contexto: problemas, assunções e hipóteses. *EntrePalavras*, v. 12, n. 3, p. 38-61, 2022b. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-32536>
- FARHAT, T. C. *Uma nova descrição sistêmico-funcional das relações interactanciais*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2025.
- FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Identidades em comunhão: estratégias multimodais de individuação em um grupo de Facebook. *Texto Digital*, v. 17, n. 2, p. 35-71, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2021.e79738>
- FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Entre o falar e o fazer: AÇÃO VERBAL e AÇÃO MATERIAL como parâmetros contextuais. *Revista do GEL*, v. 20, n. 2, p. 149–177, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i2.3462>
- FIGUEREDO, G. P. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- HALL, E. T. *The Hidden Dimension*. New York: Anchor Books, 1966.

## LINHA D'ÁGUA

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-semiotic Perspective*. London: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. New York/London: Routledge, 2014.

HASAN, R. Speaking with reference to context. In: GHADESSY, M. (ed.) *Text and Context in Functional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 219-328.

HASAN, R. Choice, System, Realisation: Describing Language as Meaning Potential. In: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (ed.). *Systemic Functional Linguistics: Exploring Choice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 269-299.

HASAN, R. Towards a paradigmatic description of context: systems, metafunctions, and semantics. *Functional Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 1-54, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40554-014-0009-y>

HASAN, R. Tenor: Rethinking interactant relations. *Language, Context and Text*, v. 2, n. 2, p. 213–333, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1075/langct.00029.has>

KNAPP, M. L.; VANGELISTI, A. L.; CAUGHLIN, J. P. *Interpersonal communication and human relationships*. Londres: Pearson, 2014.

MARTIN, J. R. *English Text: System and Structure*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. *Systemic Functional Grammar: a next step into the theory – axial relations*. Beijing: Higher Education Press, 2013.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Hampshire: Palgrave, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Multisemiosis and context-based register typology: Registerial variation in the complementarity of semiotic systems. In: VENTOLA, E.; GUIJARRO, A. J. M. (ed.). *The World Told and the World Shown: Multisemiotic Issues*. Palgrave Macmillan, London, 2009. p. 11-38.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Applying systemic functional linguistics in healthcare contexts. *Text & Talk*, v. 33, n. 4-5, p. 437-466, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/text-2013-0021>

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Register in the round: registerial cartography. *Functional Linguistics*, v. 2, p. 1-48, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40554-015-0015-8>

MATTHIESSEN, C. M. I. M. *System in Systemic Functional Linguistics: A System-based Theory of Language*. Sheffield: Equinox, 2023.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; GUO, E. Matthiessen's thoughts on some key issues in systemic functional linguistics. *Word*, v. 66, n. 2, p. 130-145, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/00437956.2020.1769921>

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K. *Systemic Functional Linguistics: A Complete Guide*. London: Routledge, 2024.

OLIVEIRA, N. A. F.; ZANUTTO, F. O gênero carta aberta: da interlocução marcada à interlocução esperada. In: ANTONIO, J. D.; NAVARRO, P. (org.). *Gêneros textuais em contexto de vestibular*. Maringá: Eduem, 2017. p. 133-151.

POYNTON, C. *Language and gender: Making the difference*. 2a ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.